

SUBJETIVIDADE E INTERSUBJETIVIDADE EM CONDICIONAIS: ALTERNÂNCIAS ENTRE PRESENTE E FUTURO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Lilian FERRARI*
Paloma de ALMEIDA**

- RESUMO: Este trabalho enfoca construções condicionais do português brasileiro, sob a perspectiva teórica da Linguística Cognitiva. A investigação tem como base a Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997; FAUCONNIER; SWEETSER, 1996), a partir de estudos sobre relações causais entre espaços condicionais (SWEETSER, 1990; DANCYGIER, 1998; DANCYGIER; SWEETSER, 2005), de contribuições recentes sobre subjetividade e intersubjetividade (LANGACKER, 1990; TRAUGOTT; DASHER, 2005; VERHAGEN, 2005) e seus desdobramentos em termos da noção de Base Comunicativa (SANDERS, J.; SANDERS, T.; SWEETSER, 2009; FERRARI; SWEETSER, 2012). A partir de *corpora* escritos formados por textos jornalísticos e literários, a pesquisa enfoca condicionais que admitem alternância entre futuro do subjuntivo e presente do indicativo, na prótase, e entre futuro do indicativo e presente do indicativo, na apódose. As condicionais foram classificadas em quatro grupos, identificados a partir das relações entre seleções modo-temporais específicas e motivações cognitivas. A principal contribuição do trabalho consiste na utilização do modelo dos espaços mentais para propor um tratamento unificado das alternâncias modo-temporais nas condicionais investigadas, em que se evidenciam diferentes graus de sinalização da perspectiva (inter) subjetiva do falante.
- PALAVRAS-CHAVE: Linguística Cognitiva. Espaços mentais. Condicionais. Tempo verbal. Subjetividade. Intersubjetividade.

Introdução

A Linguística Cognitiva caracteriza-se por investigar operações cognitivas da mente humana, a fim de compreender a maneira pela qual ocorre a construção do significado a partir das estruturas linguísticas. As estruturas normalmente investigadas incluem itens lexicais, constituintes sintagmáticos, construções de estrutura argumental e construções complexas. No âmbito das estruturas sintáticas complexas, as construções condicionais têm recebido especial

* UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras – Departamento de Linguística. Rio de Janeiro – RJ – Brasil. 21941-917 – lilianferrari@uol.com.br

** UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras – Departamento de Linguística. Rio de Janeiro – RJ – Brasil. 21941-917 – paloma_ug@yahoo.com.br

atenção na literatura. Em particular, estudos recentes têm detalhado mecanismos cognitivos associados a essas construções, descrevendo processos de construção de espaços mentais e relações entre forma e significado na expressão da condicionalidade (DANCYGIER; SWEETSER, 2005).

Na esteira desses estudos, o objetivo deste trabalho é analisar as condicionais [Se P, Q] do português brasileiro que permitem alternâncias entre futuro do subjuntivo/presente do indicativo na prótase e futuro do indicativo/presente do indicativo na apódose. O uso do presente do indicativo nos contextos citados tem sido tratado como “recurso temporal” (*temporal backshifting*) nos trabalhos cognitivistas (DANCYGIER, 1998; DANCYGIER; SWEETSER, 2005), e será associado, de modo pioneiro, às noções de subjetividade e intersubjetividade na presente investigação.

O trabalho está organizado em três seções principais. Na seção 2, são apresentados os pressupostos teóricos que fundamentam a pesquisa, enfocando-se a contribuição da Teoria dos Espaços Mentais para a descrição das estruturas condicionais do inglês e do português (FAUCONNIER, 1994, 1997; DANCYGIER; SWEETSER, 2005; FERRARI, 2000, 2001, 2012; GOMES, 2008), e para o tratamento de fenômenos de subjetividade e intersubjetividade (SANDERS, J.; SANDERS, T.; SWEETSER, 2009; FERRARI; SWEETSER, 2012). Na seção 3, apresenta-se a metodologia da pesquisa, com a descrição do objeto de estudo, da coleta de dados e da delimitação de objetivos e hipóteses. A seção 4 apresenta análise de dados representativos da modalidade escrita do português brasileiro, retirados de textos jornalísticos e literários. Os resultados da análise permitem a classificação das condicionais em quatro grupos distintos, definidos a partir da associação entre características formais e graus de subjetividade e/ou intersubjetividade na construção cognitiva dos eventos descritos.

Pressupostos teóricos

Estudos cognitivistas sobre as categorias dêiticas, de um modo geral, e sobre tempos verbais, em particular, descrevem a organização radial dessas categoriais em termos de elementos prototípicos e menos prototípicos (MARMARIDOU, 2000). No caso específico dos tempos verbais, Langacker (1991) argumenta que, em linhas gerais, presente/passado estabelecem o contraste proximal/distal na esfera epistêmica, tendo o modelo cronológico como valor prototípico. No caso do presente do indicativo em português, isso significa que seu uso prototípico indica simultaneidade ao evento de fala (ex. **Estou com fome**), enquanto usos menos prototípicos podem evidenciar diferentes tipos de proximidade epistêmica, como é o caso do uso do presente para referência a eventos passados (ex. **Brasil ganha a Copa**).

No caso das estruturas condicionais, o uso do presente também pode codificar eventos cronologicamente distanciados do evento de fala, mas apresentados como próximos do ponto de vista epistêmico. O conceito de proximidade cognitiva, na verdade, faz referência implícita a processos de raciocínio realizados pelo falante e/ou ouvinte durante o evento de fala. Tais processos têm sido descritos na literatura cognitivista com base na Teoria dos Espaços Mentais, a partir de dois eixos principais. Em primeiro lugar, as prótases condicionais são consideradas ‘introdutores de espaços mentais’, enquanto as apódoses são concebidas como expansões desses espaços iniciais. Além disso, são previstos diversos tipos de projeção de informação entre espaços, que têm sido recrutados na literatura recente para explicar fenômenos de subjetividade e intersubjetividade.

O presente trabalho propõe uma integração entre esses dois eixos, com vistas ao desenvolvimento de uma análise que dê conta das relações entre alternâncias modo-temporais, construção de espaços condicionais e sinalização de subjetividade e intersubjetividade. A seguir, esses aspectos serão detalhados.

Abordagem das condicionais na teoria dos espaços mentais

A Teoria dos Espaços Mentais propõe que domínios e modelos cognitivos contribuem de diferentes maneiras para a construção do significado. Espaços Mentais são domínios cognitivos locais que refletem o fracionamento da informação à medida que o discurso acontece. Esses domínios são organizados por meio de estruturas estáveis conhecidas como MCIs – Modelos Cognitivos Idealizados -, que organizam os sistemas de conhecimento relacionados a crenças e valores compartilhados por indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade.

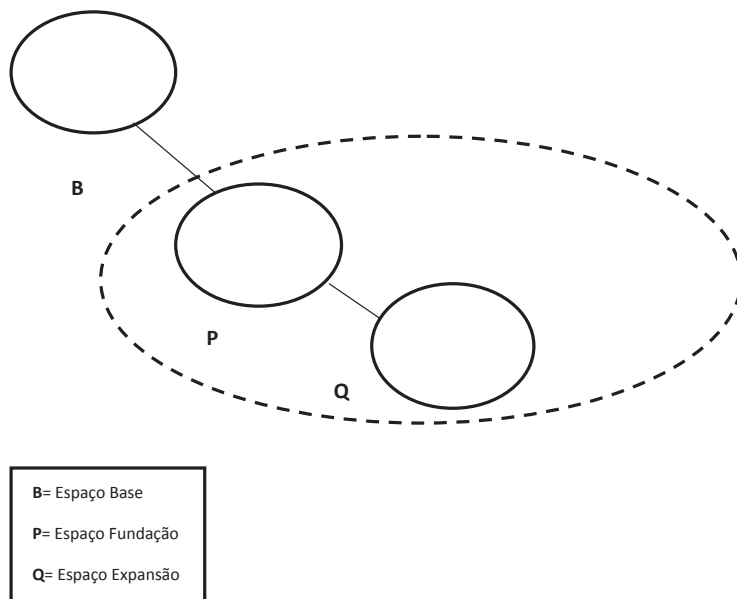
Na construção dos Espaços Mentais, há o espaço associado à situação comunicativa do momento da enunciação; esse é chamado de Espaço Base. A partir da Base, outros espaços são criados a fim de acomodar informações que transcendem o contexto imediato. Os elementos contidos no Espaço Base podem ser acessados e projetados para outros espaços a qualquer instante e, dessa forma, cada novo espaço formado apresenta uma parte da estrutura do espaço anterior.

A criação dos Espaços Mentais se dá a partir de pistas linguísticas, tecnicamente denominadas “construtores de espaços mentais” (*spacebuilders*), que geralmente se apresentam por meio de sintagmas preposicionais, morfemas modo-temporais e orações temporais e condicionais. Os espaços criados por esses elementos constituem domínios alternativos em relação ao Espaço Base.

Em relação às orações condicionais [Se P, Q], a oração antecedente é responsável por introduzir o Espaço Mental que funciona como “Fundação”; a oração consequente, por sua vez, apresenta o espaço caracterizado como

“Expansão”. Assim, para cada construção condicional, são construídos dois espaços, com informações fornecidas por pistas linguísticas específicas e estruturas herdadas dos MCIs relacionados à situação comunicativa em questão. Na condicional, “Se chover, o jogo vai ser cancelado”, por exemplo, a oração introduzida pela conjunção **se** (prótase) constrói o Espaço Fundação, que por sua vez, estabelece o enquadre referencial para a construção do Espaço Expansão (apódose). A representação diagramática é a seguinte:

Diagrama 1 – Espaços constituintes das Construções Condicionais



Fonte: Fauconnier (1997, p.132).

O Diagrama 1 representa, de forma esquemática, a configuração de espaços ativados por condicionais [Se P, Q]. Nesse modelo, o Espaço Base é o **Ponto de Vista** (PV), por ser o espaço a partir do qual os espaços P e Q são criados e causalmente relacionados. Os espaços P e Q, por sua vez, são aqueles aos quais se adiciona conteúdo informacional, e por isso são denominados **espaços Foco**. No que se refere à conjunção **se**, Dancygier (1998) a caracteriza a partir de três diferentes níveis: (a) cognitivo – a conjunção funciona como operador de encaixe, introduzindo dois espaços hipotéticos, de maneira que o segundo esteja subordinado ao primeiro; (b) lexical – a conjunção opera como marcador de não-assertividade, indicando para o ouvinte que a proposição P deve ser considerada, mas não pode ser afirmada; (c) construcional– a conjunção introduz uma das orações da construção condicional.

Com relação ao nível cognitivo, Fillmore (1990) propõe a noção de postura epistêmica, que diz respeito à associação mental do falante em relação ao evento descrito na prótase. O autor contrasta construções introduzidas por *when* ('quando') e *if* ('se') em inglês, destacando que *when* sinaliza postura epistêmica positiva (ex. o falante toma como certo o evento sob escopo da conjunção), enquanto *if* indica postura epistêmica neutra (ex. o falante não manifesta crença ou descrença em relação à ocorrência do evento sob escopo da conjunção).

No que se refere à relação causal entre P e Q, Sweetser (1990) classifica as orações condicionais em três tipos: condicionais de conteúdo, epistêmicas e pragmáticas.

No domínio das condicionais de conteúdo, os eventos descritos estão em uma relação causal e condicional. São modelos de situações do mundo real e o conteúdo da apódose apresenta relação de dependência em relação ao que é enunciado na prótase. Observemos o exemplo a seguir:

(1) Se o time ganhar, receberá o troféu.

No domínio epistêmico, por sua vez, a relação que se estabelece é entre a premissa hipotética expressa na prótase e a conclusão no nível do raciocínio expressa na apódose, ou seja, entre o conhecimento do falante a respeito de um determinado evento e a conclusão do indivíduo a partir desse conhecimento, como exemplificado em (2):

(2) Se eles comeram biscoito, é porque estavam com fome.

Finalmente, no domínio pragmático, há casos em que a prótase da condicional constitui um comentário que circunscreve um ato de fala a ser realizado na apódose; não há relação de causalidade entre eventos descritos, mas entre um estado de coisas e um ato de fala. É o que se observa no exemplo a seguir, em que o pedido para desligar o ventilador está relacionado a uma pré-condição:

(3) Se não for muito incômodo, você poderia desligar o ventilador?

Dancygier e Sweetser (2005) afirmam ainda que uma das funções centrais das condicionais de conteúdo é a predição. Já as condicionais epistêmicas e pragmáticas não são, em geral, preditivas; ainda que envolvam algum tipo de predição, priorizam a apresentação condicional de um padrão de raciocínio e de um ato de fala, respectivamente. Tendo em vista que as relações causais em construções condicionais podem associar diferentes domínios cognitivos, as autoras ressaltam que a estrutura linguística constitui pista importante para a

construção do significado condicional. Assim, marcas linguísticas, tais como forma verbal, escolha da conjunção, entre outros aspectos, apontam para a construção complexa de espaços mentais e constituem ferramentas importantes na análise dessas construções.

No que se refere às construções que são objeto do presente artigo, a análise evidenciou que as alternâncias modo-temporais observadas podem ocorrer em condicionais de conteúdo, epistêmicas ou pragmáticas, desde que essas estruturas apresentem características preditivas, envolvendo eventos não anteriores ao momento da fala.

Estudos cognitivistas das condicionais no português brasileiro

Em relação ao tratamento das orações condicionais no Português Brasileiro, Ferrari (2000) assume uma abordagem que busca combinar elementos formais, como tempos verbais e tipos de conjunções, com aspectos contextuais. A autora ressalta que tanto aspectos formais como parâmetros de significado devem ser investigados para que se possam estabelecer correlações entre ambos.

Com relação às variações formais, Ferrari (2001) destaca que a diversidade pode ocorrer tanto na apódose (por ex., orações declarativas, interrogativas ou imperativas) quanto na prótase, que pode ser introduzida por uma conjunção (ou locução conjuntiva) diferente de “se”, como “caso” ou “a menos que”; ou ainda a conjunção “se” pode se apresentar acompanhada de outros itens lexicais (“mesmo se”, “só se”, etc.).

Essas variações formais, associadas à escolha dos tempos verbais, afetam diretamente a interpretação das condicionais. Tendo em vista que as orações condicionais apresentam uma hipótese que poderia ser confirmada sob condições apropriadas, a codificação do conhecimento do falante a respeito da hipótese se dá por meio dos tempos verbais utilizados.

Vejamos os exemplos a seguir:

- (4) Se o time *ganhar* o jogo amanhã, *ficará/ vai ficar* em 1º lugar no torneio.
- (5) Se o time *ganhasse* o jogo amanhã, *ficaria/ ficava* em 1º lugar no torneio.

As condicionais (4) e (5), de acordo com a classificação de Sweetser (1990), são exemplos de condicionais de conteúdo, pois os eventos descritos apresentam uma relação condicional e causal no mundo descrito. Além disso, a variação nos tempos verbais da prótase sinaliza diferentes tipos de postura epistêmica, nos termos propostos por Fillmore (1990). Assim, o uso do futuro do subjuntivo em (4) indica que o falante adota postura epistêmica neutra em relação ao fato de o time

ganhar o jogo; por outro lado, o pretérito imperfeito do subjuntivo em (5) sinaliza postura epistêmica distanciada ou negativa (por ex., o falante não acredita que o time ganhe o jogo amanhã).

O português brasileiro admite, ainda, o uso do presente do indicativo na prótase, em contextos como (4). No artigo “*Three types of conditionals in English and Portuguese*”, publicado na *CognitiveLinguistics*, Gomes (2008) apresenta uma proposta para análise das escolhas modo-temporais nas condicionais em português, focalizando a alternância entre o presente do indicativo e o futuro do subjuntivo na prótase da condicional. Assim, se X diz a Y que Maria tem estudado bastante, Y pode responder:

(6) Se ela *estiver* cansada, é melhor parar.

No entanto, se X diz a Y que Maria está cansada, pois tem estudado bastante, Y pode responder:

(7) Se ela *está* cansada, é melhor parar.

De acordo com Gomes (2008), o uso do futuro do subjuntivo na prótase indica dúvida por parte do falante de que Maria esteja realmente cansada, embora esteja estudando bastante. Já com relação à segunda situação descrita acima, Y já tem o conhecimento de que Maria está cansada e o uso do presente do indicativo reflete esse fato. Dessa maneira, no que se refere à possibilidade de escolha entre o presente do indicativo e o futuro do subjuntivo nas prótases condicionais em português, Gomes (2008) propõe que essa escolha está ligada à aceitação/não aceitação da proposição P. Segundo o autor, se o falante considera a proposição como um **fato aceito**, escolherá utilizar o verbo no presente do indicativo, mas se a considerar um **fato incerto**, utilizará o verbo no futuro do subjuntivo.

Gomes (2008) conclui, portanto, que o tratamento dado pelo falante ao evento descrito na prótase (fato aceito ou fato incerto) determina o grau de realidade ou de aceitabilidade pelo falante de que a proposição expressa é verdadeira. Entretanto, essa proposta levanta algumas questões importantes: a) que fatores levariam o falante a tratar um determinado evento como fato aceito? b) Inversamente, o que o levaria a tratá-lo como fato incerto?

Neste trabalho, buscamos responder a essas questões, deslocando o foco de interesse das noções de verdade/falsidade com relação a fatos do mundo, para enfocar a perspectiva do falante na construção cognitiva da condicionalidade. Partindo de *insights* iniciais sobre condicionais que apresentam sequências temporais aparentemente incongruentes, na modalidade falada (FERRARI, 2012),

o presente artigo propõe uma análise que busca articular versões recentes do modelo dos espaços mentais às noções de subjetividade e intersubjetividade, descritas na seção a seguir.

Subjetividade e intersubjetividade na visão cognitivista

No âmbito dos estudos sobre mudança semântica e gramaticalização, Traugott e Dasher (2005) propõem que tais processos podem ser associados às noções de objetividade, subjetividade e intersubjetividade. O ponto de vista objetivo é descrito como aquele no qual o falante pretende (ou finge) descrever as situações da forma como elas se apresentam na realidade. Já a subjetividade envolve um sujeito de consciência que desenvolve uma visão pessoal e subjetiva dos fatos, representando-a no discurso por meio de recursos linguísticos específicos, tais como dêixis espacial e temporal explícitas, marcadores explícitos da atitude do falante/redator em relação à proposição e à estrutura discursiva, entre outros. Por fim, a intersubjetividade diz respeito à atenção que o falante dispensa ao ouvinte enquanto participante do evento de fala, e pode ser ilustrada por casos de dêixis social explícita (**você x senhor**), marcas de polidez, honoríficos, entre outros.

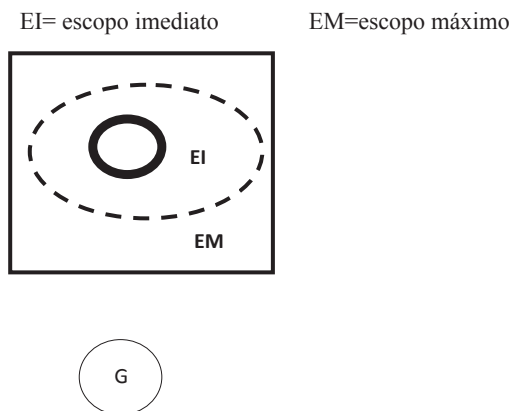
Em que pese a relevância dos estudos sobre gramaticalização para a delimitação dos fenômenos de objetividade e (inter)subjetividade, o tratamento cognitivista sobre o assunto se afasta, em pontos importantes, da proposta delineada por esses estudos. No âmbito da Linguística Cognitiva, a proposta seminal de Langacker (1990) sobre o assunto representa um redirecionamento da questão, na medida em que busca relacionar o modo pelo qual o conceptualizador escolhe construir a situação e a maneira pela qual essa situação é retratada na linguagem.

Langacker (1990) propõe que o contraste entre uma construção objetiva e uma construção subjetiva reflete a assimetria entre a proeminência do conceptualizador e a proeminência da entidade conceptualizada. Essa assimetria é ainda maximizada quando o observador se encontra tão absorto na experiência perceptiva que acaba “esquecendo-se” de si mesmo (subjetividade), ou quando o objeto percebido é bem delimitado e distinto daquele que o percebe (objetividade). A partir do termo técnico *Ground*, que indica o evento de fala no qual há o falante, o ouvinte e o contexto interacional em que estes participantes se encontram, Langacker descreve três maneiras pelas quais o *Ground* se reflete na codificação linguística.

Vejamos:

- a) *Ground* apresenta-se externo ao escopo da predicação, como em nomes e verbos quando isolados, como representado a seguir:

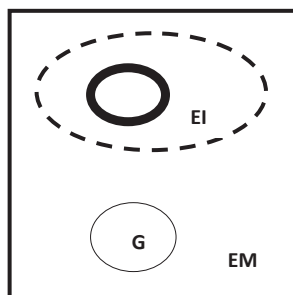
Figura 1 – *Ground* externo ao escopo da predicação



Fonte: Langacker (1990, p.10).

- b) O *Ground* pode representar um ponto de referência não perfilado, como em expressões dêiticas (“ontem”, “amanhã”, “ano passado”), exemplificado na representação a seguir:

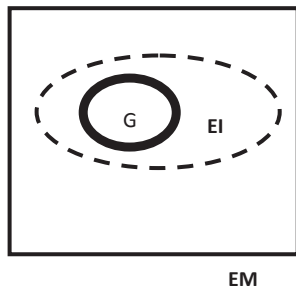
Figura 2 – *Ground* não perfilado



Fonte: Langacker (1990, p.10).

- c) Uma faceta do *Ground* é perfilada e colocada em destaque, como em expressões com “aqui”, “eu”, “agora”, entre outras. Vejamos:

Figura 3 – *Ground* perfilado

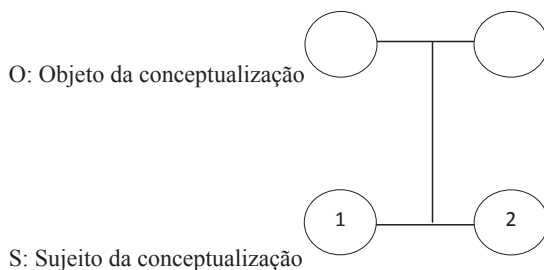


Fonte: Langacker (1990, p.10).

Segundo Langacker, (a) e (b) são representações de subjetividade, pois o *Ground* está mais implícito em relação ao Escopo Máximo da predicção. Já o diagrama em (c) representa uma estrutura mais objetiva, uma vez que o *Ground* é colocado em proeminência no Escopo Imediato. É importante ressaltar que os esquemas apresentados em (a), (b) e (c) representam uma gradação do mais subjetivo até o mais objetivo.

Embora o trabalho de Langacker (1990) não contemple a noção de intersubjetividade, sua proposta lançou bases para o tratamento posterior desse fenômeno. Assim, Verhagen (2005) sugere que o *Ground* não é um todo homogêneo, mas envolve, na verdade, maior complexidade, já que qualquer uso linguístico inclui dois conceptualizadores: o responsável pela produção linguística e aquele que a interpreta de um modo particular. Assim, o autor argumenta que os sujeitos da conceptualização se engajam em coordenação cognitiva com relação a um objeto de conceptualização por meio da produção linguística, conforme ilustra a Figura 4:

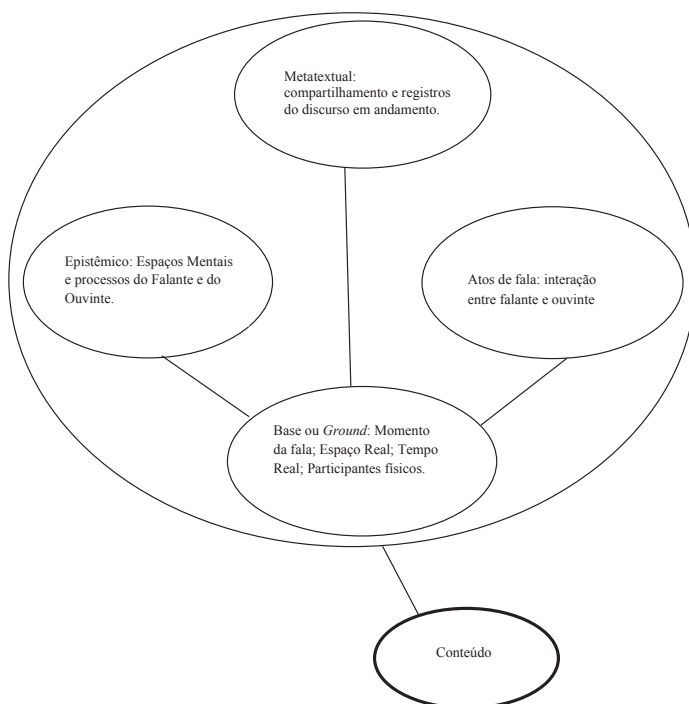
Figura 4 – Elementos básicos da conceptualização



Fonte: Verhagen (2005, p.31).

A coordenação cognitiva é intersubjetiva, já que ocorre quando o primeiro conceptualizador convida o segundo a observar conjuntamente um objeto de conceptualização de uma forma específica, atualizando o ‘*common ground*’ (conhecimento que os conceptualizadores compartilham mutuamente, incluindo modelos de um e de outro e da situação discursiva). Esse detalhamento do *Ground*, proposto por Verhagen, foi posteriormente aprofundado por Sanders J., Sanders T. e Sweetser (2009), no âmbito da Teoria dos Espaços Mentais. Os autores propuseram que o Espaço Base (correspondente ao *Ground* no modelo) constitui uma rede conceptual básica de espaços de comunicação, o BCSN (*Basic Communicative Spaces Network*), que inclui, além da Base ou *Ground* que representa os modelos espacial e temporal de realidade relevantes para Falante e Ouvinte: (1) o Espaço de Ato de Fala (ou de interação conversacional), em que Falante e Ouvinte participam de ações comunicativas; (2) um ou mais Espaços Epistêmicos, contendo processos de raciocínio do Falante, e possivelmente do Ouvinte; (3) o Espaço Metatextual, que contém os registros do discurso compartilhado, entre outros. A organização do BCSN pode ser esquematizada da seguinte forma:

Diagrama 2 – Representação da Rede de Espaços Comunicativos Básicos (BCSN)



Fonte: Ferrari e Sweetser (2012, p.49).

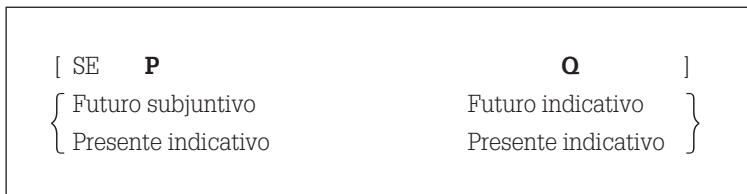
Com base no modelo BCSN, Ferrari e Sweetser (2012) analisam fenômenos de subjetificação em inglês, apoiadas na hipótese de que o Espaço Base tende a ser menos subjetivo, enquanto o Espaço de Ato de Fala, o Espaço Epistêmico e o Espaço Metatextual tendem a ser mais implícitos e, portanto, mais subjetivos. Isto ocorre porque o Espaço Base é mais intersubjetivamente verificável pela experiência do que os espaços mais abstratos responsáveis pela construção de estados mentais ou de interação discursiva.

A conexão entre o conteúdo do Espaço Foco e o Espaço Epistêmico do falante é mediada pela interação no Espaço Base. O maior grau de subjetividade envolve esses espaços superiores. Dessa forma, o significado que depende desses espaços é mais subjetivo do que aquele que depende apenas do Espaço Base.

Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida a partir de *corpora* escritos, incluindo textos jornalísticos publicados no jornal “O Globo” e na “Revista Época”, que fazem parte do “Corpus LINC- modalidade escrita” (PINHEIRO, 2010), e textos literários brasileiros (século XX), retirados do “Corpus do Português” (DAVIES; FERREIRA, 2006). Foram selecionadas construções condicionais do tipo [Se P, Q] que admitem alternâncias entre futuro e presente na prótase e/ou na apódose, de acordo com o esquema genérico a seguir:

Esquema 1 – Alternâncias modo-temporais



Fonte: Elaboração própria.

O esquema acima reflete casos em que, na prótase P, há a possibilidade de escolha entre dois tempos verbais: o futuro do subjuntivo ou o presente do indicativo. Semelhantemente, a apódose Q também permite alternância entre tempos do indicativo que indicam futuro (futuro simples/futuro perifrástico) e o presente do indicativo.

O trabalho tem por objetivo explicitar os processos de construção do significado nas construções investigadas, fornecendo um modelo explicativo para as escolhas modo-temporais do falante em contextos reais de uso, com base na hipótese

de que as alternâncias modo-temporais mencionadas constituem diferentes estratégias de sinalização de processos de subjetividade e/ou intersubjetividade, a partir dos quais os eventos condicionais são retratados.

A seguir, passamos à análise dos dados.

Alternâncias entre presente e futuro em condicionais

A análise de condicionais em contextos de uso evidenciou uma relação paradigmática entre tempos de presente e futuro, que se caracterizam como alternativas para a prótase ou apódose. Em relação a essas alternâncias modo-temporais foram identificados quatro diferentes grupos, que serão apresentados e discutidos a seguir.

Grupo I: Futuro-Futuro

No grupo I, os tempos verbais da prótase e da apódose são, respectivamente, o futuro do subjuntivo e tempos de futuro no modo indicativo. Os pareamentos forma-significado são indicados no quadro abaixo:

Quadro 1 – Futuro do subjuntivo – Futuro do indicativo

	PRÓTASE	APÓDOSE
MORFOLÓGICO	Futuro do subjuntivo	Futuro simples/perifrástico
SEMÂNTICO	Evento não anterior ao <i>Ground</i>	Predição

Fonte: Elaboração própria.

O exemplo a seguir ilustra a combinação Futuro do subjuntivo e Futuro simples:

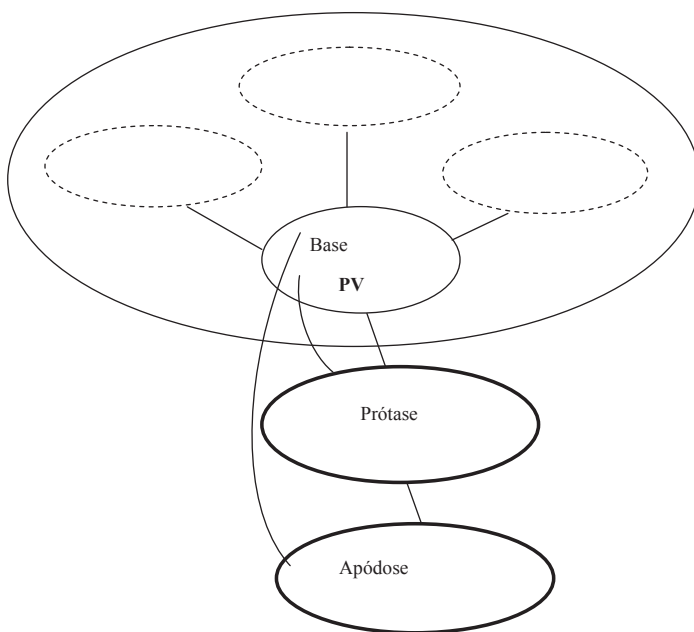
- (8) Cameron quer inquirido sobre suposta relação do MI-6 com regime líbio. Se a ação *prosperar*, *ficará* proibida a venda das ações do governo líbio nas duas empresas, e eventuais dividendos terão de ser depositados em juízo. A decisão do Brasil foi baseada em resoluções do Conselho de Segurança das Nações Unidas. (Corpus LINC)

A combinação Futuro do subjuntivo e Futuro perifrástico pode ser ilustrada pelos seguintes exemplos:

- (9) A maioria dos endocrinologistas espera que a droga continue liberada no Brasil. “Se esse remédio *for proibido, vamos perder* um produto extremamente útil no combate à obesidade”, diz Ricardo Meirelles, presidente da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia. (Corpus LINC)
- (10) Além da superlotação, há os abusos de praxe, como espancamentos e humilhações. Se a denúncia feita pelo Conselho Estadual dos Direitos Humanos à ONU *for* adiante, o Brasil *poderá sofrer* sanções da Organização dos Estados Americanos (OEA). (Corpus LINC)

Nos exemplos (9) e (10), as perífrases de futuro na apódose apresentam o auxiliar “ir” e o modal “poder”¹. Em termos de Espaços Mentais, as condicionais do Grupo I podem ser representadas da seguinte forma:

Diagrama 3 – Construção do significado por condicionais do Grupo I



Fonte: Elaboração própria.

De acordo com o Diagrama 3, as condicionais do Grupo I adotam a Base como Ponto de Vista (PV), tanto para a construção da prótase quanto da apódose,

¹ Para discussão sobre o futuro perifrástico em português, ver Ferrari e Alonso (2009), em que se argumenta que as perífrases [ir/poder/dever +Verbo Infinitivo] sinalizam a perspectiva implícita do falante em relação a eventos futuros, diferindo com relação ao grau de certeza que cada um dos verbos auxiliares projeta, de forma ascendente, para o *Ground*.

sobre as quais recai o Foco. Embora apresentem algum grau de subjetividade, já que a Base é um dos espaços implícitos da Base Comunicativa (BCSN), essas construções são menos subjetivas do que aquelas incluídas nos demais grupos, por não estarem ancoradas nos espaços superiores (ainda mais implícitos).

Grupo II: Presente-Futuro

O segundo grupo analisado difere do primeiro, por apresentar o presente do indicativo na prótase. O pareamento forma-significado é o seguinte:

Quadro 2 – Presente do indicativo – Futuro do indicativo

	PRÓTASE	APÓDOSE
MORFOLÓGICO	Presente do indicativo	Futuro simples/perifrástico
SEMÂNTICO	Evento não anterior ao <i>Ground</i>	Predição

Fonte: Elaboração própria.

Tal como as condicionais do grupo anterior, as condicionais desse grupo estabelecem uma predição. Mas, nesse caso, o presente do indicativo agrega novas informações ao processo de construção do sentido, já que aponta para uma ideia já mencionada anteriormente no discurso. Assim, o falante/escritor, por meio do tempo verbal utilizado, demonstra levar em conta o compartilhamento intersubjetivo do discurso precedente com o ouvinte/leitor. Dessa forma, a noção de “fato aceito”, proposta por Gomes (2008), pode ser reformulada para “fato aceito intersubjetivamente”, não refletindo necessariamente apenas a crença do falante ou os fatos concebidos como reais, mas também aquilo que é ‘realidade’ no discurso.

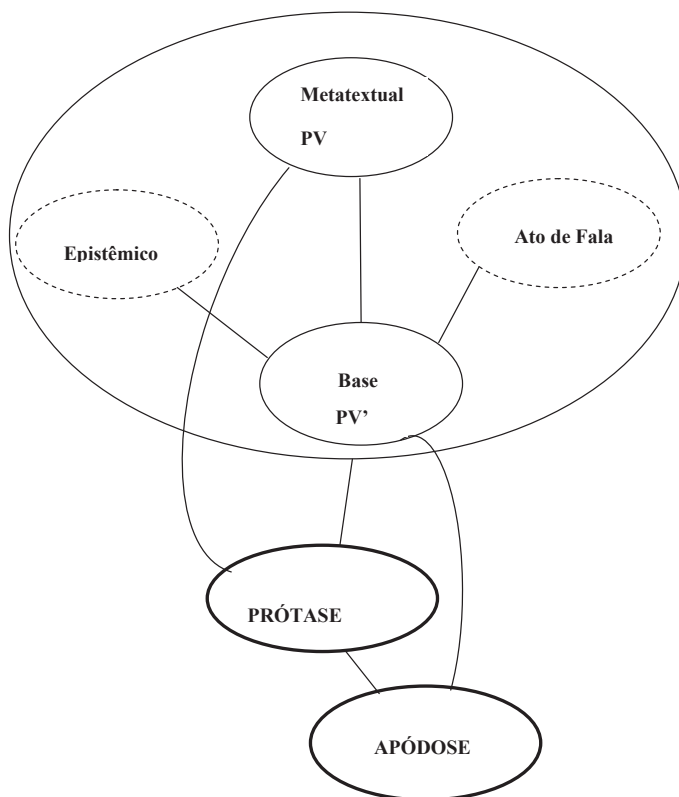
Vejamos:

- (11) “Há algum tempo estou para lhe dizer isso, mas não me atrevia. Não me parece bonito que nosso Bentinho ande metido nos cantos com a filha do Tartuga, e esta é a dificuldade, porque se eles *pegam* de namoro, a senhora *terá* muito que lutar para separá-los”. (Corpus do Português)

O exemplo (11) destaca um trecho do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, em que José Dias alerta à mãe do personagem principal, Bentinho, sobre a possibilidade de surgir um namoro entre o rapaz e sua amiga Capitu. Nesse caso, o uso do presente indica o desdobramento de uma inferência ativada pelo discurso precedente, em que o falante relata que Bentinho “anda metido nos cantos” com Capitu.

Em termos de Espaços Mentais, as condicionais do Grupo II podem ser assim representadas:

Diagrama 4 – Construção do significado por condicionais do Grupo II



Fonte: Elaboração própria.

O Diagrama 4 indica que a prótase condicional é construída a partir de Espaço Metatextual (registros compartilhados do discurso em andamento), enquanto a apódose adota a Base como ponto de vista. As condicionais do Grupo II são mais subjetivas do que aquelas do Grupo I, já que acionam um espaço mais implícito da Base Comunicativa (BCSN) para a construção do Espaço Fundação.

Grupo III: Futuro-Presente

O terceiro grupo, por sua vez, apresenta o presente do indicativo na apódose da condicional. O pareamento forma-significado é indicado no quadro a seguir:

Quadro 3 – Futuro do subjuntivo – Presente do indicativo

	PRÓTASE	APÓDOSE
MORFOLÓGICO	Futuro do subjuntivo	Presente do indicativo
SEMÂNTICO	Evento não anterior ao <i>Ground</i>	Conclusão

Fonte: Elaboração própria.

As construções condicionais (12), (13) e (14) exemplificam a estrutura apresentada no Quadro 3:

- (12) “Ex-comandante militar da Amazônia e da Força de Paz no Haiti, o general Augusto Heleno entrou de cabeça na política depois que foi reformado, em maio. Armado com o Twitter, ele atira para todos os lados. Eis um de seus petardos: “Se o Brasil um dia *for* sério, o mensalão *vira* um ‘case’ para mostrar como o judiciário era lento, inepto e ‘engavetador’.” (Corpus LINC)

Em (12), o falante reportado abre um espaço hipotético (“se o Brasil *for* sério”) para, em seguida, apresentar uma conclusão no presente sobre um evento futuro (“virar um ‘case’...”).

- (13) “Longe, em algum lugar, a mulher se revolta, os filhos brigam, ninguém sabe o que fazer agora que a escola vai começar. Júnior José Guerra está encurralado. *Se voltar, morre*. Ele denunciou – e está sozinho.” (Corpus do Português)

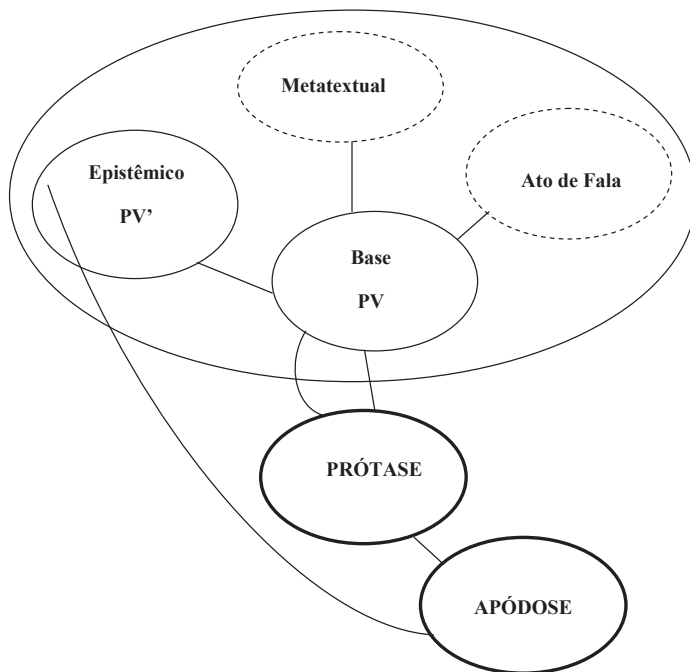
O exemplo (13) apresenta o trecho de uma narrativa. A condicional ilustra a situação mencionada (“Júnior José Guerra encurralado”), sinalizando uma das opções de ação do personagem (“se voltar”) e sua conclusão sobre as consequências dessa ação (“morre”).

- (14) “Se nenhum concorrente *fizer* oferta sobre o último lance colocado pelo sistema eletrônico, a Aneel *retoma* o valor apresentado anteriormente e parte para uma nova forma de disputa, a das rodadas discriminatórias.” (Corpus LINC)

Em (14), o presente na apódose indica um planejamento pré-existente (“retomar o valor apresentado”) na eventualidade de um acontecimento futuro (“nenhum concorrente fazer a oferta”).

O uso do tempo presente na apódose, nos exemplos acima, sinaliza uma conclusão por parte do falante, realizada no presente (momento do discurso), a respeito de um evento posterior ao evento de fala; portanto, a indicação de uma perspectiva mais subjetiva em relação ao evento da apódose caracteriza essas construções. Vejamos a representação diagramática:

Diagrama 5 – Construção do significado em condicionais do Grupo III



Fonte: Elaboração própria.

O Diagrama 5 demonstra que, para a construção de condicionais do Grupo III, a âncora discursiva é a Base e, em seguida, o Espaço Epistêmico é adotado como ponto de vista para a introdução da apódose.

Grupo IV: Presente-Presente

O quarto grupo apresenta presente do indicativo tanto na prótase quanto na apódose da condicional, como indicado pelo quadro a seguir:

Quadro 4 – Presente do indicativo-Presente do indicativo

	PRÓTASE	APÓDOSE
MORFOLÓGICO	Presente do indicativo	Presente do indicativo
SEMÂNTICO	Evento não anterior ao <i>Ground</i>	Conclusão

Fonte: Elaboração própria.

Neste grupo, ocorrem simultaneamente as duas possibilidades observadas nas condicionais dos grupos II e III. Na prótase, o uso do presente remete a uma ideia já disponível no discurso e, na apódose, a escolha do presente revela uma conclusão proferida no presente a respeito de um evento posterior ao evento de fala.

Levando-se em conta que as construções remetem implicitamente ao falante tanto na prótase quanto na apódose, as construções condicionais deste grupo são consideradas ainda mais subjetivas do que as condicionais dos grupos II e III.

As condicionais (15) e (16) exemplificam a combinação modo-temporal indicada pelo quadro apresentado acima. Em matéria jornalística sobre meteorologia, a condicional em (15) apresenta o presente na prótase, indicando a ativação de conhecimento intersubjetivamente compartilhado (“data do término do verão”), e o presente na apódose, enquadrando subjetivamente a desordem na praia como uma conclusão presente do falante sobre um evento futuro:

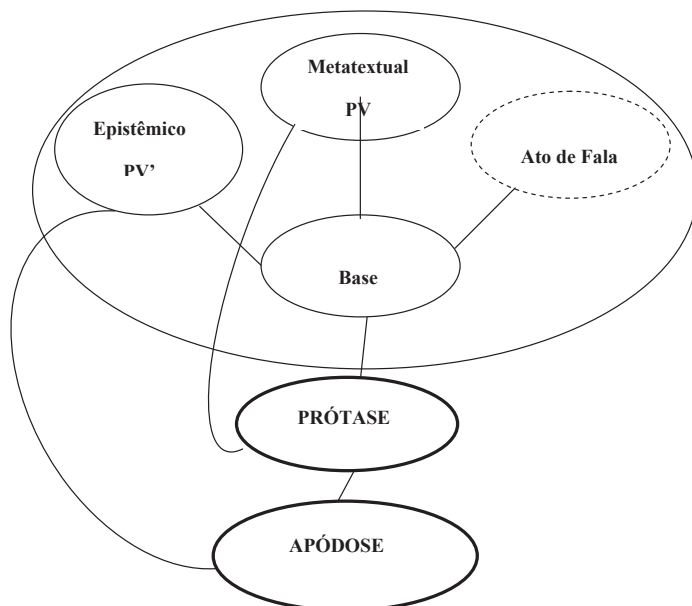
- (15) “... a frente fria deve derrubar as temperaturas e trazer mais chuvas até sexta-feira, segundo os meteorologistas. Se o verão *se despede* dos cariocas no próximo sábado, a desordem nas praias, mesmo as beneficiadas pelas operações Choque de Ordem da prefeitura, *continua*”. (Corpus LINC)

O exemplo (16) reporta o discurso de um personagem narrativo que se apresenta como fugitivo, levantando uma hipótese (“se me pegam”) e concluindo (“me penduram”):

- (16) “Graças a Deus que já posso dizer – “não estou com os mascates”, dissera o matuto, penetrando na mata. Eu sei bem que se eles me *pegam*, me *penduram* logo no primeiro pé de pau que encontrarem; porque antes de tudo, eu sou desertor.”(Corpus do português)

O diagrama a seguir representa as condicionais do Grupo IV:

Diagrama 6 – Construção do significado em condicionais do Grupo IV



Fonte: Elaboração própria.

O Diagrama 6 demonstra que as condicionais do Grupo IV são as mais subjetivas, visto que tanto a prótase quanto a apódose são introduzidas a partir de espaços mais implícitos da Base Comunicativa – respectivamente, Metatextual e Epistêmico.

Considerações finais

O presente trabalho adotou o referencial da Teoria dos Espaços Mentais para propor uma análise descritiva e explicativa das construções condicionais [Se P, Q] do português brasileiro que apresentam presente do indicativo e/ou futuro do subjuntivo, na prótase, e presente do indicativo e/ou futuro simples, na apódose.

Os resultados da análise demonstram que a escolha dos tempos verbais na prótase e na apódose das condicionais indica diferentes graus de subjetividade e/ou intersubjetividade na construção cognitiva dos eventos descritos. Por um lado, o uso do presente do indicativo na prótase indica uma construção mais intersubjetiva (em relação ao uso do futuro do subjuntivo), na medida em que o falante leva em conta informações anteriormente expressas no discurso e

compartilhadas com o interlocutor. Por outro lado, a escolha do presente do indicativo na apódose da condicional, em lugar de tempos de futuro, sinaliza uma conclusão estabelecida pelo falante no presente (perspectiva subjetiva) sobre um evento futuro. Por fim, os casos em que o presente do indicativo ocorre na prótase e na apódose podem ser caracterizados como mais subjetivos do que os demais, pois sinalizam a perspectiva do falante em ambas as partes da condicional.

Com base nos resultados descritos, as condicionais sob estudo foram organizadas em um *continuum* de subjetividade, que vai das condicionais do Grupo I (menos subjetivas) às condicionais do Grupo IV (mais subjetivas), passando pelas estruturas intermediárias pertencentes aos Grupos II e III. Por outro lado, os Grupos II e IV evidenciam também intersubjetividade.

Em termos de sua contribuição analítica, o artigo lança luz sobre o fato de que as alternâncias modo-temporais investigadas não representam opções equivalentes para expressar o mesmo conteúdo, mas sinalizam processos cognitivos específicos de construção do significado cujas implicações semântico-pragmáticas ainda não haviam sido devidamente consideradas na descrição das condicionais do português brasileiro. A partir de desenvolvimentos recentes do modelo dos espaços mentais, o trabalho apresenta uma proposta de análise que associa escolhas modo-temporais a diferentes graus de sinalização da perspectiva (inter)subjetiva com que o falante constrói cognitivamente relações condicionais. Nesse sentido, o modelo aqui proposto abre novas perspectivas de análise das relações entre tempo/modo verbal e significado condicional, não apenas no que se refere à ampliação da análise das alternâncias modo-temporais discutidas no presente artigo para outros tipos de *corpora*, mas também no que se refere às alternâncias modo-temporais observadas em outros tipos de condicionais, como, por exemplo, as contrafactuais.

FERRARI, L.; ALMEIDA, P. Subjectivity and intersubjectivity in conditionals: temporal backshifting strategies in Brazilian Portuguese. **Alfa**, São Paulo, v.59, n.1, p.89-111, 2015.

- **ABSTRACT:** *This work takes a Cognitive Linguistics perspective on Brazilian Portuguese conditional constructions. Based on mental spaces theory (FAUCONNIER, 1994, 1997; FAUCONNIER; SWEETSER, 1996) and on mental spaces work on conditionals (SWEETSER, 1990; DANCYGIER, 1998; DANCYGIER; SWEETSER, 2005), the research relied on recent contributions on subjectivity and intersubjectivity (LANGACKER, 1990; TRAUGOTT; DASHER, 2005; VERHAGEN, 2005), and its developments based on the notion of Basic Communicative Space Network (BCSN) (SANDERS; SANDERS; SWEETSER, 2009; FERRARI; SWEETSER, 2012). Drawing on written corpus data, which includes journalistic and literary texts, we focus on conditionals which may alternate between the future of the subjunctive and the present of the indicative, in the protasis, and between the present and the future of the indicative, in the*

apodosis. Four groups of conditionals that displayed distinct relations between mood/tense selection and cognitive motivations were identified. The main contribution of the paper is that it provides a unified framework for relating mood/tense alternations in conditionals to the speaker's subjective and/or intersubjective perspective.

- **KEYWORDS:** *Cognitive Linguistics. Mental spaces. Conditionals. Tense. Subjectivity.*

REFERÊNCIAS

DANCYGIER, B. **Conditionals and prediction.** Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. **Mental spaces in grammar:** conditional constructions. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. **Corpus do Português.** 2006. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>. Acesso em: 30 jul. 2013.

FAUCONNIER, G. **Mappings in thought and language.** Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

_____. **Mental spaces:** aspects of meaning construction in natural language. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FAUCONNIER, G.; SWEETSER, E. **Spaces, worlds and grammar.** Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

FERRARI, L. Acrobacias cognitivas: ponto de vista e subjetividade em redes condicionais. In: MOURA, H.; GABRIEL, R. (Org.). **Cognição na linguagem.** Florianópolis: Insular, 2012. p.43-62.

_____. Construções gramaticais e a gramática das construções. **Scripta**, Belo Horizonte, v.5, n.9, p.143-150, 2001.

_____. Os parâmetros básicos da condicionalidade na visão cognitivista. **Veredas**, Juiz de Fora, v.4, n.6, p.21-30, 2000.

FERRARI, L.; ALONSO, K. Subjetividade em construções de futuro no português do Brasil. **Alfa**, São Paulo, v.53, n.1, p.223-241, 2009.

FERRARI, L.; SWEETSER, E. Subjectivity and upwards projection in mental space structure. In: DANCYGIER, B; SWEETSER, E. (Ed.). **Viewpoint in language:** a multimodal perspective. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p.47-68.

FILLMORE, C. Epistemic stance and grammatical form in English conditional sentences. In: REGIONAL MEETING OF THE CHICAGO LINGUISTIC SOCIETY, 26., 1990, Chicago. **Papers...** Chicago: University of Chicago, 1990. p.137-162.

GOMES, G. Three types of conditionals and their verb forms in English and Portuguese. **Cognitive Linguistics**, Berlin; New York, v.19, n.2, p.219-240, 2008.

LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar**. v.2. Stanford, CA: Stanford University Press, 1991.

_____. Subjectification. **Cognitive Linguistics**, Berlin; New York, v.1, n.1, p.5-38, 1990.

MARMARIDOU, S. **Pragmatic meaning and cognition**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2000.

PINHEIRO, D. Corpus LINC – modalidade escrita: textos jornalísticos. **Revista Época**, Rio de Janeiro, n.610-621, 2010.

SANDERS, J.; SANDERS, T.; SWEETSER, E. Causality, cognition and communication: a mental space analysis of subjectivity in causal connectives. In: SANDERS, T.; SWEETSER, E. (Ed.). **Causal categories in discourse and cognition**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009. p.19-59.

SWEETSER, E. **From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TRAUGOTT, E.; DASHER, R. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

VERHAGEN, A. **Constructions of intersubjectivity: discourse, syntax and cognition**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

Recebido em agosto de 2013

Aprovado em fevereiro de 2014

